



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**

LUCÉLIA DE ALMEIDA ANDRADE

REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA EM ANTONIO CARLOS VIANA

**CAMPINA GRANDE
MAIO/ 2016**

LUCÉLIA DE ALMEIDA ANDRADE

REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA EM ANTONIO CARLOS VIANA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras, habilitação em Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras (Língua Portuguesa).

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva

**CAMPINA GRANDE
MAIO/2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A553r Andrade, Lucélia de Almeida
Representação da loucura em Antonio Carlos Viana
[manuscrito] / Lucélia de Almeida Andrade. - 2016.
31 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva, Departamento
de Letras e Artes".

1. Literatura brasileira. 2. Viana. 3. Loucura. 4. Pobreza. I.
Título.

21. ed. CDD B869.3

LUCÉLIA DE ALMEIDA ANDRADE

REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA EM ANTONIO CARLOS VIANA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras, habilitação em Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras (Língua Portuguesa).
Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva

Aprovada em: 23/05/16

Nota final: 9,0 (NOVE)

BANCA EXAMINADORA

Ricardo Soares da Silva Nota: 9,0
Prof. Dr. Ricardo Soares
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
(Orientador)

Andreia Bezerra de Lima Nota: 9,0
Profa. Ms. Andreia Bezerra de Lima
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)
(Examinadora)

Flaviano Maciel Vieira Nota: 9,0
Flaviano Maciel Vieira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
(Examinador)

CAMPINA GRANDE
MAIO/2016

Aos “Ignorados de Tal”. Nus no corpo e na
identidade. Humanidades sequestradas.
Homens, mulheres e crianças.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por todo afeto, confiança e presença, mesmo nas ausências... Aos meus irmãos, Leonor e Marlon, com quem aprendo cotidianamente sobre diversidade, pelo apoio, cumplicidade e por estarmos juntos nos momentos mais difíceis.

Àqueles com quem dividi muitos sorrisos, algumas lágrimas e muito desejo de mundo, meus amigos. Aos que chegaram e ficaram por um período longo e àqueles que ficaram por pouco tempo. Obrigada a todos que deixaram e receberam um tanto.

Ao Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva, pelo empenho e dedicação em sua orientação, fundamentais para a conclusão desse trabalho. Mas, principalmente, pela disponibilidade e incentivo para que eu pudesse, finalmente, concluir esse curso.

À Profa. Ms. Andreia Bezerra de Lima e ao Prof. Ms. Flaviano Maciel Vieira por aceitarem o convite para participar da banca examinadora e, assim, contribuírem com esse trabalho.

Sou grata, também, a todos os professores que contribuíram para a minha formação acadêmica nos cursos de Letras, habilitação em Língua Portuguesa e Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba.

E, finalmente, quero agradecer ao Universo, por sua sincronicidade que transforma meus dias numa viagem transcendental e possibilita que esse ciclo seja fechado, dando início a outro(s) tanto(s).

“As palavras sofrem com a banalização.
Quando abusadas pelo nosso despudor, são
roubadas de sentido.”

Eliane Brum

SUMÁRIO

Introdução	7
1. Loucura: lugares e relações sociais numa perspectiva histórica	9
2. Representação da loucura na Literatura	13
3. Representação da loucura nos contos “Santana Quemo-Quemo” e “Quando meu pai voltou”	14
3.1. A loucura como reação em “Santana Quemo-Quemo”	14
3.2. A loucura como estigma em “Quando meu pai voltou”	17
Considerações finais	22
Abstract	22
Referências	23
Anexos	25

REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA EM ANTONIO CARLOS VIANA

Lucélia de Almeida Andrade ¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar as representações da loucura nos contos “Santana Quemo-Quemo” e “Quando meu pai voltou”, presentes no livro *Cine Privê* do contista sergipano Antonio Carlos Viana. Como qualquer fenômeno humano, a loucura é construída sócio-historicamente. Sendo assim, em sua nomeação, definição e compreensão estão alinhados elementos do contexto histórico e social de cada época. Na Literatura, as representações da loucura são clivadas pelas diferentes relações sociais estabelecidas com a mesma em momentos históricos distintos. Nos contos analisados neste trabalho, a loucura é constituinte de cenários marcados pela pobreza e miséria social. Os loucos de Viana denunciam uma trama social conflituosa em que a lógica de inclusão perversa do Estado atua tanto na produção da loucura quanto em processos de mortificação resultantes do tratamento marcado pela repressão e violência. Para tanto, recorreremos aos pressupostos teóricos de Foucault (2005), com a análise da loucura enquanto produção histórico-social; Maria (2005) e suas contribuições no que se refere à análise histórica da loucura na Literatura brasileira; e aos pressupostos teóricos da Psicologia Social Crítica para fundamentar este trabalho.

Palavras-Chave: Literatura; Viana; Loucura; Pobreza.

Introdução

A década de 1970 constitui um cenário de transformações na Literatura Brasileira. Conforme Vilma (2004, p. 60), nesse período a narrativa curta passou por um processo de fortalecimento e consolidação. O conto, como atesta Mariconi (2000, p. 281), afirmou-se como forma de expressão do real. Fernandes (2012, p. 174) destaca o desempenho do conto na Literatura Brasileira e aponta uma pluralidade que vai do minimalismo ao realismo brutal, passando pela vertente intimista, pela narrativa fragmentária ou mesmo experimental.

Silva (2011) apresenta o conto enquanto espaço capaz de desvelar elementos que se assemelham ao real, incentivando o leitor a estabelecer diálogos com um real-ficcional. No Brasil, o conto tem narrado situações típicas do homem contemporâneo — como a violência, a penúria e miséria brasileira — de forma veemente. Nesse contexto, a narrativa curta de Antonio Carlos Viana merece destaque por proporcionar reflexões sobre a relação entre Literatura e espaço social.

¹Concluinte do curso de Letras, habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus I.
Email: almeidaandrade.luca@gmail.com

Nascido em Aracaju/SE, em 1946, o referido autor é mestre em Teoria Literária pela PUC/RS, doutor em Literatura Comparada pela Universidade de Nice, localizada na França. Tradutor e professor universitário aposentado, publicou *Brincar de manja* (1974), *Em pleno castigo* (1981), *O meio do mundo e outros contos* (1993), *Aberto está o inferno* (2004), *Cine Privê* (2009) e *Jeito de Matar lagartas* (2015).

Viana escreve sobre o inevitável e o inusitado da vida. Mas também sobre o risível, o ridículo, o irremediável. Lança um olhar cruel e irônico sobre a existência. Não raro, seus personagens vivem situações extremas em que o real revela-se de maneira brutal. Sua narrativa constrói espaços sociais determinantes e circunstanciais que “aprimoram” o ser na medida em que parece não haver alternativa para mudanças. Nesse sentido, Mandagará (2010, p. 111) afirma que não há “transcendência possível” na obra *Cine Privê* (2009), cujos contos revelam recortes crus de uma realidade violenta e banal.

Em *Cine Privê*, o autor aborda a loucura enquanto situação-limite nos contos “Santana Quemo-Quemo” e “Quando meu pai voltou”, cujas narrativas desenvolvem-se em cenários marcados pela pobreza. Neste trabalho, portanto, objetivamos analisar a representação da loucura nos referidos contos.

Em Viana, a loucura aparece como condição imposta aos personagens a partir de eventos dos quais não conseguem recuperar-se — e quase nunca como um problema de saúde mental pré-existente —, o sofrimento psíquico, quando não está diretamente ligado à situação de pobreza, de todo modo se relaciona com ela. Nesses cenários, conforme Freitas (2012), a loucura e a pobreza constituem elementos do discurso do Estado, o qual recorre ao saber médico e jurídico para justificar táticas de exclusão.

Este artigo está dividido em três tópicos. No primeiro, para uma melhor compreensão acerca da loucura, abordaremos a loucura a partir de uma perspectiva histórica, perpassando significados que lhe foram atribuídos socialmente e as formas de tratamento empregadas àqueles julgados como loucos em momentos distintos da história humana. O segundo tópico aborda os encontros entre Literatura e loucura, argumentando que o texto literário constitui um espaço em que a loucura faz-se dúvida, é passível de questionamentos. Já o terceiro tópico está dividido em dois subtópicos, os quais são dedicados a análise dos contos em questão. Por fim, apresentamos as considerações finais, momento de retomada das principais questões discutidas e exposição, a título de reflexão, das reflexões suscitadas a partir das análises.

1. Loucura: lugares e relações sociais numa perspectiva histórica

A loucura, como uma produção histórico-social (FOUCAULT, 2005), sempre esteve presente na história da humanidade, porém, os modos de pensá-la, encará-la e “tratá-la” sofreram transformações importantes em diferentes momentos da história ocidental. Não se trata de um processo evolutivo, mas de um movimento de intercâmbios e sobreposições em que fatores sociais, culturais, políticos e econômicos imbricaram-se no estabelecimento das relações sociais com a loucura.

Nem sempre o louco foi percebido como doente mental, alvo de intervenção médica. De acordo com Pelbart (1989), na Antiguidade grega haveria dois tipos de loucura ou “mania” grega: a loucura humana, ligada às perturbações do espírito pelo desequilíbrio do corpo; e a loucura divina, que retira o indivíduo dos hábitos cotidianos por influência de um fator divino.

Até a Idade Média, a loucura ainda esteve relacionada às manifestações religiosas, cuja significação não fazia referência à doença e, sim, à dádiva divina. Nesse momento histórico, a oferta de “apoio e conforto” caracterizava o tratamento dispensado aos loucos, “alvo da caridade dos mais abastados, que, assim, procuravam se redimir dos seus pecados” (LIBERATO; DIMENSTEIN, 2009, p.267). Nos casos mais graves, considerados de alta periculosidade, o tratamento envolvia viagens, repouso, passeio, retiro, entre outras práticas que os afastavam do convívio social.

Paulatinamente, a relação entre loucura, sabedoria e manifestação divina vai se desfazendo. Conforme Foucault (2005), no final da Idade Média, a loucura passa a ocupar o lugar de um dos representantes simbólicos do mal, é mais um dentre os vícios e fraquezas do espírito humano, o louco passou a ser visto como aquele que está possuído pelo demônio. Dessa forma, de acordo com Liberato e Dimenstein (2009), o tratamento passa a ser caracterizado por espancamentos, privação de alimentos, tortura, aprisionamento. O emprego dessas formas de “tratar” justificava-se pela necessidade de libertação da possessão demoníaca.

Enquanto na Idade Média a loucura divide sua soberania com outras fraquezas da alma humana, na Renascença, ela passa a dominar todas essas fraquezas. Como aponta Foucault (2005), a loucura passa a assombrar a imaginação do homem ocidental e a exercer atração sobre ele, exercer dominação sobre as coisas fáceis, alegres e ligeiras do mundo.

Há, assim, duas experiências da loucura na Renascença: de um lado, uma experiência cósmica, representada pela *Nau dos insensatos*, que percorria os portos e ora deixava essas estranhas figuras para serem encarceradas, ora seguia com elas de porto em porto, sem que

representassem uma ameaça à razão ou à ordem social; de outro, uma experiência crítica, pois enquanto fraqueza humana “a loucura só existe em cada homem, porque é o homem que a constitui no apego que ele demonstra por si mesmo e através das ilusões com que se alimenta” (FOUCAULT, 2005, p. 24).

Conforme aponta Foucault (2005), essa relação de convivência com a loucura sofre uma profunda transformação a partir da reforma política e social ocorrida no século XVII. Pautada pelos ideais monárquicos e burgueses, organizada sob a forma do absolutismo, visava tornar as cidades habitáveis, transferindo para os hospitais gerais - que se configuravam, em princípio como um espaço de isolamento social - a massa de mendigos, loucos, criminosos, prostitutas, doentes, ou seja, todos aqueles que não estavam aptos a produzir. Trata-se do “grande internamento” (FOUCAULT, 2005).

O enclausuramento de mendigos, desempregados e pessoas sem teto foi, segundo Desviat (1999, p.15), “uma das respostas do século XVII à desorganização social e à crise econômica, então provocadas na Europa pelas mudanças estabelecidas nos modos de produção.” Nesse sentido, o surgimento dos hospitais gerais e o “grande internamento” remontam ao período de insurgência dos ideais da modernidade, da sociedade burguesa e do modo de produção capitalista.

Nesse período, a ideia de “homem racional” inaugura a construção do conceito de loucura a partir do que seria o seu oposto - a razão. Com a supremacia da razão sobre a desrazão, a loucura ganhou contornos específicos e foi relegada ao “exílio” (SANDER, 2010).

Os hospitais gerais, na maioria das vezes, situavam-se nas mesmas instalações físicas, dos antigos leprosários da Idade Média, abandonados devido à regressão da lepra. A hospitalização, no entanto, não possuía função médica, mas de reclusão, pois tinha como objetivo salvaguardar a ordem social. No entanto, esse isolamento sem assistência provocou um movimento de reação interna que culminou com a necessidade de distinção dos loucos dos demais internos por sua incapacidade de seguir ritmos de vida normatizada, justificando ainda mais a necessidade de reclusão e conseqüente exclusão, agora sob os cuidados dos saberes e práticas da Psiquiatria.

No século XVIII e início do século XIX, a medicina empreende a chamada “humanização dos pacientes”, tirando suas correntes e introduzindo práticas terapêuticas em seu tratamento, tornando o hospital uma instituição médica. Surgem, então, os manicômios. (FOUCAULT, 2005; DESVIAT, 1999).

A reclusão dos alienados assume um caráter terapêutico e indispensável. O cuidado para com os loucos consistia num tratamento moral, pautado pela reeducação do alienado a

partir do ensino de regras de socialização e convivência, implicando respeito às normas e desencorajamento das condutas inconvenientes.

Segundo o autor supracitado, é no contexto das ideias liberais, que pregavam a valorização do homem e seus direitos, que o médico Phillipe Pinel através de seu “mítico gesto de soltar os loucos dos grilhões” insere a loucura, definitivamente, no universo da enfermidade. Surge, então, uma nova doença: a alienação, e com ela surge, também, a Psiquiatria, que adentra os hospitais gerais instalando a hegemonia da medicina nesses espaços (AMARANTE, 2008).

A nova ordem social não permitia a exclusão dos loucos nos moldes do “grande internamento”. Sendo assim, foi necessário encontrar algo que legalizasse a manutenção da internação:

As novas normas sociais necessárias ao desenvolvimento econômico proibiam a privação da liberdade sem garantias jurídicas. Daí por diante, a reclusão dos alienados passou a ter que ser definida como algo terapêutico e indispensável: o isolamento de um mundo externo perturbador, das paixões irritantes. (...) Era preciso isolar o paciente da sociedade – de um meio, uma comunidade que gerava uma série de distúrbios. (...) A psiquiatria era a garantia que salvava a legalidade. (DESVIAT, 1999, p.17)

Os manicômios surgem “fiéis ao espírito humanista e racionalista de Pinel” (BEZERRA *et al*, 2009, p.284) e se organizaram no sentido de proteger e amparar os “alienados”. Pinel defendia um tratamento baseado, principalmente, na reeducação, no respeito às normas e no desencorajamento de condutas desviantes, denotando o caráter essencialmente moral do tratamento. A disciplina deveria ser exercida buscando um equilíbrio entre firmeza e gentileza. No início do século XIX, a proposta humanista de Pinel começa a perder força. O cenário que se descortina no tocante ao tratamento moral é marcado pela adoção de medidas repressivas, físicas e higiênicas dentro do manicômio - instituição que acumulava poderes administrativos e jurídicos. Um ambiente de severa disciplina e métodos terapêuticos violentos, centralização no modelo asilar e fortalecimento do binômio loucura/periculosidade (BEZERRA *et al*, 2009; LIBERATO *et al*, 2009). A própria reclusão era considerada terapêutica. Reclusos, os alienados recebiam um tratamento moral, marcado pela adoção de medidas repressivas na tentativa de disciplinarizar suas mentes e de “domesticar o animal que vive dentro do homem” (SERRANO, 1982, p. 20).

Segundo Birman (1991), ao atribuir ao louco o estatuto social de doente mental, o Estado toma para si a tutela sobre esse sujeito, garantindo-lhe assistência e tratamento ao

tempo em que autoriza sua exclusão social e destituição da cidadania. Sendo assim, o louco não é devidamente reconhecido pelo Estado.

Somente a partir de meados do Século XX, o tratamento oferecido nos hospitais psiquiátricos passou a ser fortemente questionado devido a sua ineficiência, que provocava uma cronificação resultante de longos períodos de internação, da perda de vínculos sociais e do tratamento caracterizado por práticas repressoras e violentas. Surgiram, então, alguns movimentos sociais caracterizados como antipsiquiátricos, que questionavam o lugar da loucura na sociedade e propunham não somente a desinstitucionalização, mas também a transformação ou, até, a abolição do hospital psiquiátrico (DESVIAT, 1999).

No contexto marcado pelo pós-guerra, alguns países construíram propostas visando ressignificar e transformar as práticas institucionais psiquiátricas. Assim, as investidas antipsiquiátricas tentaram romper com a relação de saber-poder que a Psiquiatria construiu em torno da loucura e procuraram outras formas de tratamento que não perpetuassem essa violência e exclusão (SANDER, 2010). Nessa perspectiva, destacam-se a proposta francesa de François Tosquelles; a antipsiquiatria inglesa de Laing e Cooper; a psiquiatria comunitária norte-americana; e a proposta italiana, conhecida como Psiquiatria Democrática, cujo precursor foi o psiquiatra Franco Basaglia.

Esse médico argumenta que toda loucura carrega um conflito social. Basaglia questionava os diagnósticos clínicos, enxergando neles um “profundo significado discriminatório”. Um esquizofrênico rico, internado em clínica particular, recebe um prognóstico diferente de um esquizofrênico pobre, encaminhado a um hospital psiquiátrico. O primeiro nunca é descontextualizado ou separado totalmente de sua realidade, o que facilita sua reinserção na sociedade. Os pobres seriam aqueles que já sofrem com a violência do sistema social que “os empurra para fora da produção, para a margem da vida associativa, até encerrá-los nos muros do hospital” (BASAGLIA, 2005, p. 91). Seriam esses os elementos de transtorno da sociedade. A exclusão dos loucos do mundo dos “sãos” só confirma e sanciona a validade das normas que a própria sociedade estabelece.

No Brasil, o questionamento sobre o aparato manicomial teve como desdobramento um processo de lutas sociais que culminou com a proposta de Reforma Psiquiátrica, implementada como política pública a partir da Lei 10216/2001. Assim, começou uma transformação na assistência em saúde mental, que propiciou a criação de uma rede de serviços substitutivos ao manicômio e a produção de novas estratégias de cuidado para os loucos.

Contudo, a referida lei, comumente chamada de Lei da Reforma Psiquiátrica, não definiu o fechamento dos hospitais psiquiátricos como ato imediato, mas a proposição de um processo de redução progressiva de leitos psiquiátricos. Assim, conforme Prazeres e Miranda (2005), o cenário brasileiro é caracterizado pela existência e convivência, nem sempre pacífica, do modelo proposto pela Reforma Psiquiátrica e o modelo manicomial.

Após esse trajeto pela história da loucura, discutiremos as representações da loucura construídas a partir dos encontros com a Literatura.

2. Representação da loucura na Literatura

Cândido (1995 *apud* ANDRADE, LIMA E SANTOS, 2014) atesta que o texto literário amplia o debate acerca da loucura na medida em que é capaz de abarcar interpretações de outros campos (científico, histórico, filosófico, sociológico, político, religioso, etc.). Maria (2005) afirma que os personagens loucos assumem uma “linguagem não-senso” que pode descentrar o espaço de leitura e de percepção do mundo incomum, trazendo novos elementos que abordem a complexidade da escrita e, também, da situação de representação.

Os encontros entre a loucura e a literatura não são pontuais e nem se pode falar que sejam recentes. Como aponta Maria (2005), a loucura esteve presente na paisagem da Grécia Antiga e foi representada em sua tragédia; atravessou episódios do Velho e Novo Testamento; frequentou o universo sagrado e profano da Idade Média; conquistou o elogio de Erasmo de Rotterdan em tempos de Reforma e mudança; resiste ao tempo nos personagens de Shakespeare; foi barrada no baile do Século das Luzes; confundida com a luminosidade do Gênio na estética romântica; suscitou inquietantes reflexões a partir do século XVIII insinuando-se no pensamento moderno de tal modo que os surrealistas concederam-lhe o prestígio de assumir a outra face da razão. Assim, a representação da loucura na literatura está intimamente ligada ao modo como esse fenômeno tem sido definido e tratado em cada momento histórico-social (ANDRADE; LIMA; SANTOS, 2014). Assim, na “capciosa tessitura literária estão os ecos desse trajeto e, nas sutilezas das metáforas ou no perambular de um insensato personagem, escondem-se muitas vezes os fios que se cruzam construindo o sentido de nossa própria História” (MARIA, 2005, p. 15).

Nesse sentido, um personagem é também a personificação de ideias na medida em que a representação da loucura nos textos literários catalisa a natureza e o sentido desse fenômeno

em uma determinada sociedade, possibilitando tecer reflexões sobre implicações individuais, sociais e políticas, bem como sobre as relações sociais estabelecidas com a loucura.

Para Felman (1985 *apud* PAULO, 2012; CARDOSO, 2014), os encontros entre a literatura e a loucura se dão por serem ambas irredutíveis à interpretação. Por trás de tal resistência, está a noção de que a razão, tão valorizada no pensamento aristotélico e cartesiano, é limitada, pois exclui a ambiguidade e as contradições.

Adriana, Lima e Santos (2014) afirmam que o texto literário, ao tematizar sobre fatos humanos, sociais e históricos, busca conferir-lhes um trato estético e verossímil para experimentação do mundo. Assim, quando o texto literário se debruça sobre a loucura faz dela dúvida e suscita reflexão crítica. A fala louca é atravessada pela ilogicidade e por incertezas, denunciando a impossibilidade de conhecimento e tradução do mundo. Trata-se de um saber que resiste e escapa a interpretações fechadas. A fala do louco subverte o discurso institucional e legal. Nesse caos aparente, surge a possibilidade de o louco encontrar um lugar social e linguístico para atuar como sujeito e vencer os aparelhos repressivos, sejam eles subjetivos ou institucionais sob a égide do Estado. (PAULO, 2012; CARDOSO, 2014).

Feito esse preâmbulo acerca da representação da loucura na Literatura, nos dedicaremos, no tópico que segue, à análise dos contos.

3. Representação da loucura nos contos *Santana Quemo-Quemo* e *Quando meu pai voltou*

3.1. A loucura como reação em *Santana Quemo-Quemo*²

Neste conto, somos instados a testemunhar o grande espetáculo da miséria, cujos protagonistas são os habitantes de barracos construídos numa área indevida, vítimas da pobreza extrema. Um narrador-menino nos reporta a um passado que ainda pulsa diante de si, o dia em que a ordem pública determinou a expulsão dos ocupantes de barracos miseráveis, construídos em Área de Preservação Ambiental (APA), grupo ao qual pertenciam o menino e sua família. É esse episódio que vai acionar o processo de enlouquecimento de sua mãe.

Quando os carros chegaram, minha mãe fazia uma galinha que meu irmão tinha arranjado naquela manhã mesmo, num quintal longe dali.

²Conforme Martins (2012), Antonio Carlos Viana, ao ser questionado sobre a música “Santana Quemo-Quemo”, afirmou que se trata de uma cantiga popular cantada por sua mãe quando ele era criança. O autor disse, ainda, que a escolheu para dar nome ao conto por causa de sua estrutura circular, sem evolução. Nesse sentido uma estrutura que não se rompe.

O pirão ia ficar gostoso. A gente sabia que os carrões iam chegar, a notícia corria desde o começo da semana e já era sexta-feira. As mulheres se descabelavam, berrando que não tinham para onde ir. Pareciam ter enlouquecido todas de uma vez. (VIANA, 2009, p.13)

A forma como o narrador nos coloca a par de seu cotidiano é quase tão frenética quanto o momento em que se dá o enlouquecimento da mãe. Nesse trecho, somos informados, ao mesmo tempo, da chegada dos carros — cuja finalidade, apesar do leitor ainda não conhecer, pressupõe-se não ser boa — e do estado de indignação em que se encontra o narrador e sua família, representados pela galinha roubada para o almoço, que o “irmão tinha arranjado naquela manhã mesmo, num quintal longe dali.” Naquele contexto, roubar a galinha era a única saída para saciar a fome. A reação das mulheres à chegada dos carros evidencia o extremo da situação. Elas “se descabelavam, berrando que não tinham para onde ir. Pareciam ter enlouquecido todas de uma vez”. A loucura é composição constituinte do cenário de miséria social.

Quando os homens chegaram, “nem quiseram conversa”. Porém, nessa ação, o Estado não utilizou sua força mais ostensiva, a polícia, mas, “coisa melhor: a banda de música dos bombeiros”. Segundo o narrador, “pra dizer que eram da paz” e distrair da desgraça que é “sair com os trens nas costas pra despejar num outro canto”. Quando a banda começa a tocar, desnuda-se a face repressora do aparelho estatal no “trator, alucinado, abrindo caminho” (...) roncando “como fera com fome”, ávido por destruir os barracos. Tanto que “nem dava mais para ouvir a música”. Nesse momento a mãe reage e vai

pra cima do homem, um de camisa azul de manga comprida e gravata cheia de borboletinhas. “Área de preservação ambiental, a ordem é derrubar tudo”. E todo sério, com um papel na mão: “Aqui não podem fazer barraco. Deviam saber”. E para onde a gente ia? “Se virem, assim como vieram pra cá, agora se virem”, falou o homem ajeitando a gravata, borboletinha de tudo quanto era cor. Enquanto isso, o trator ciscava atrás dele, só esperando a ordem, parecia um touro brabo. (VIANA, 2009, p.14).

A mulher reage diante do homem de “camisa azul de manga comprida e gravata cheia de borboletinhas”. Essa descrição do vestuário masculino estabelece uma relação de oposição. Esse homem que usa gravata não faz parte do cenário descrito anteriormente. Ele ocupa um lugar de poder e carrega “um papel na mão”, metonímia do mandado judicial para derrubar o barraco. O homem de gravata é um representante da lei e está ali para fazer cumpri-la. Os moradores dos barracos “deviam saber” que não se pode construir em áreas de preservação

ambiental. Conhecer a lei é obrigação: “Se virem, assim como vieram pra cá, se virem”. Cabe destacar, em nossa análise, a contradição da lógica de inclusão do Estado a partir da “banda de música” embalando a ferocidade do trator, bem como das “borboletinhas de tudo quanto era cor” na gravata do homem que garante a legalidade da derrubada dos barracos. Esses elementos atuam justamente como forma de evidenciar o que Sawaia (2001) chama de inclusão perversa quando argumenta que ao invés de exclusão, o que se tem é uma dialética exclusão/inclusão. Em sua compreensão, a maneira de incluir do sistema capitalista faz parte dos mesmos mecanismos de manutenção da ordem social. Nesse sentido, a inclusão perversa provém da ideia de que a partir da apropriação material ou simbólica, os sujeitos passam a “fazer parte” da sociedade. No entanto, essa inclusão perpetua o conflito social. Em outras palavras, trata-se de uma lógica que inclui para excluir. No conto, as pessoas, cujos barracos foram construídos numa APA, estão sob a égide do Estado e, por isso, têm que cumprir a lei. Mas há, no cumprimento da lei, a violação de um direito fundamental, a moradia, caracterizando, assim, uma ação que perpetua a exclusão.

Impotente diante do poder do Estado e da desgraça iminente, a mulher reage pela segunda vez. Esse momento da narrativa é marcado pelo acionamento do processo de enlouquecimento da mãe do narrador, que se põe a cantar e dançar freneticamente a música que dá nome ao conto.

De repente, o trator parou. Até pensamos que o motorista ia fazer como aquele da televisão, que não teve coragem de derrubar a casa que tinham mandado. Depois foi que vimos que ele parou, assim como os homens de manga comprida e gravata, para apreciar minha mãe dançando, no começo devagarinho, depois crescendo, crescendo, como se estivesse com a Pomba-gira. Ela começou cantando baixinho: “Você conhece Santana-Quemo-Quemo, Santana Quemo-Quemo, Santana Quemo-Quemo?”. E repetia a mesma lenga-lenga, a voz subindo até atingir um tom que não era dela. (VIANA, 2009, p. 14)

Por um momento, “o trator parou” como pararam, também, “os homens de manga comprida e gravata” diante da reação da mulher. Apreciando o espetáculo extremo e inusitado que se desenvolve diante de seus olhos. A loucura é do outro, manifesta-se no outro como mais uma marca de exclusão social. A mulher dança “devagarinho” e depois cresce até o momento em que parece estar com a “Pomba-gira”. O canto começa “baixinho” (...) “até atingir um tom que não era mais dela”. Seu canto e dança extrapolam os limites do corpo e do eu. Não eram mais dela. Nem mesmo era ela. Os limites da norma social foram ultrapassados. A mulher enlouqueceu diante da miséria social.

Para refletir sobre isso, recorremos ao conceito de “sofrimento ético-político” (SAWAIA, 2001, p. 97), criado na interface entre subjetividade e sociedade. A autora afirma tratar-se de um sofrimento “gerado nos maus encontros caracterizados por servidão, heteronomia e injustiça, sofrimento que se cristaliza na forma de potência de padecimento, isto é, de reação e não de ação”. (SAWAIA, 2009, p. 370). Em suma, abrange as múltiplas afecções que mutilam a vida de diferentes formas, produzindo não-lugares sociais. No conto em questão, a loucura manifesta-se como reação frente às condições de miséria social, como sofrimento ético-político.

A reação extrema da mãe do narrador diante dos tratores e dos homens de gravata não foi suficiente para detê-los. Diante da impossibilidade de modificar o rumo dos acontecimentos, alheia e ao mesmo tempo inserida no real, continua sua cantiga louca, deixando o menino e seus irmãos com a alegria de devorar a panela de galinha que a irmã conseguira salvar da destruição.

Mas a vida também tem suas alegrias. Quando estava tudo no chão, vimos nossa irmã, do outro lado do riacho, segurando pelas alças a panela de galinha, que a gente comeu feliz, debaixo da amendoeira, quando os homens foram embora, já tudo derrubado. E nossa mãe não parava mais de cantar “Santana Quemo-Quemo, Santana Quemo-Quemo, Santana Quemo-Quemo”, os peitos já fora da tira, a saia levantada, aparecendo tudo. (VIANA, 2009, p. 15)

Depois que os “homens foram embora” e em meio à destruição, pois tudo já havia sido “derrubado”, o que resta às crianças é justamente aquilo que não seria delas. A galinha roubada. Cabe destacar que, desde o início, não comer a galinha parecia ser a maior preocupação das crianças, expressada quando o trator avançou em direção ao barraco da família: “Ah, meu Deus, a panela de galinha que deu tanto trabalho ao meu irmão pegar ia virar com tudo; adeus, pirão, adeus cheiro bom, coisa tão rara no meio daquela merda toda.” As crianças estavam tão preocupadas em perder a galinha, almoço daquele fatídico dia, que a visão da “irmã, do outro lado do riacho, segurando pelas alças a panela de galinha” é um momento catártico da narrativa. Nem tudo estava perdido.

3.2. A loucura como estigma em “Quando meu pai voltou”

Nesse conto, a memória do narrador-menino revive o retorno do pai após um período internado num hospital psiquiátrico. Enquanto discorre sobre o dia de espera, põe-nos a par do

cenário cotidiano. As crianças tinham “a escola como único refúgio” e como estavam em período de férias, restou-lhes a casa em companhia da avó. De tão ansiosos, comeram todas “as bolachas que ainda restavam” e, por isso, beberam toda a água, “os potes secaram”. O menino diz ter sido uma coisa boa, pois foram “até o rio com as latas (...) bebia gente e bicho”. Na volta para casa, almoçaram mal e no fim da tarde tomaram banho, “banho na verdade, não”. Lavaram “os pés, o rosto, os braços (...) era isso o banho.” Jantaram “inhame com um resto de manteiga derretida” e foram para o lado de fora na esperança de “ouvir algum ruído de passos na escuridão.” Um dia de expectativa que, ao invés de suscitar no menino a esperança de ser protegido e cuidado como antes, contraditoriamente, provoca sensação de insegurança, de perda de referente, como podemos confirmar no trecho que segue:

A manhã foi toda de espera. A tia e a mãe tinham ido buscar nosso pai. Quando soubemos que o médico tinha lhe dado alta, ficamos sem canto, fazia muito tempo que ele estava internado. (VIANA, 2009, p. 29)

As crianças ficaram “sem canto” ao saber que em breve o pai estaria de volta, pois “o médico tinha lhe dado alta” após “muito tempo (...) internado”. A notícia os deixou desorientados e aflitos. A ansiedade do menino e de seus irmãos pode ser interpretada a partir do fato de a vida ter se arranjado durante o período em que o pai “estava internado”, mas, também, a partir das expectativas geradas sobre aquele que volta: Como ele estará? Curado? Lembrará de nós? Qual será sua reação? De toda maneira, o retorno do pai desequilibrava a rotina estabelecida quando de sua ausência. Nessa perspectiva, a presença do pai em sua condição de existência alteraria a dinâmica da casa e da família, que desse momento em diante teria que se adaptar. O trecho abaixo ilustra essa ideia:

Os três chegaram estropiados e pelo andar de meu pai, triste, pesaroso, vimos logo que tinha sido culpa dele, as duas não quiseram forçar o passo. Ele entrou na sala alumiada apenas pelo candeeiro, que mostrou um rosto macilento, inchado, logo ele, que tinha sido magro, os ossos do queixo salientes. Nunca vi tanto silêncio. Até minha mãe, que era muito faladeira, silenciou. (VIANA, 2009, p. 30).

O menino atribui ao pai a lentidão da marcha até a casa da família, “tinha sido culpa dele”. A mãe e a tia “não quiseram forçar o passo” e adaptaram-se ao ritmo do homem de andar “triste, pesaroso”. Nas palavras do menino, o pai que voltara estava diferente. Na “sala alumiada apenas pelo candeeiro” o que se viu foi “um rosto macilento, inchado”, que não

correspondia à descrição que o narrador fazia do pai antes da internação: “magro, os ossos do queixo salientes”. Segundo Ávila e Fonseca (2007), na loucura, o corpo pode tornar-se um estrangeiro de si mesmo, desabilitado dos contornos mundializados de comportamento. Nesse sentido, o pai que volta não é mais o mesmo, seu corpo estava marcado pela “doença” e pelo tratamento ao qual foi submetido.

No Brasil, até a promulgação de Lei 10216/2001, o prognóstico dos loucos, na imensa maioria dos casos, era o tratamento em hospitais psiquiátricos que, como já explicitado, provocava uma cronificação, ou seja, um agravamento do quadro. Nesses espaços, o tratamento, além de ser caracterizado pela contenção física, envolve, também, a contenção química, ou seja, o uso continuado e, por vezes, exacerbado de medicamentos psicotrópicos. Essa combinação produz corpos cronificados como o do pai, que carrega em seu corpo marcas da internação (dificuldade de locomoção, inchaço).

Cabe destacar que o livro *Cine Privê* é uma publicação do ano de 2009. Isso implica dizer que no contexto de sua produção, a Reforma Psiquiátrica e, conseqüentemente, a reestruturação dos serviços de assistência em Saúde Mental, já estavam em curso no país. Pressupõe-se, assim, uma sensibilidade do autor no que se refere aos deméritos do modelo manicomial. Outro aspecto relativo ao contexto de produção é que este conto remonta às memórias de um menino, o que pode levar-nos a um período anterior à promulgação da referida lei.

Retornando ao trecho em análise, a volta do pai é marcada por um silêncio inquietante, incômodo. O menino diz nunca ter visto “tanto silêncio”. Até mesmo a “mãe, que era muito faladeira, silenciou.” Segundo Foucault (2005), a partir do século XVIII a loucura foi silenciada e retirada de circulação, dando lugar a um monólogo da razão. O silêncio constitui, portanto, uma nuance da fala louca. Por mais alto que se grite, ainda há silêncio. Há, neste silenciamento, um processo de deslegitimação do discurso da loucura, o que interdita o diálogo com o louco. A família parece ter perdido o fio de comunicação com o pai e, ainda mais, parece não haver temas comuns entre a família e esse pai que retorna irreconhecível. A barreira parece intransponível. Irreconciliável. O silêncio que domina a casa só é quebrado pelo tom imperativo da mãe: “Fale com seus filhos, homem, o pior já passou”.

Meu pai continuou calado, até que puxou um fio de voz machucada, como se durante o tempo que passou internado não tivesse feito outra coisa senão gritar de dor. A cabeça tinha tufo de cabelos arrancados, que depois soubemos ser o lugar onde punham uns fios para dar choque. A voz veio de longe, como se ele procurasse as palavras que

tinha perdido ao engolir as beberagens amargas que lhe davam. (VIANA, 2009, p. 31)

Nesse trecho, conferimos alguns dos efeitos do tratamento ao qual foi submetido o pai do menino: “a voz machucada”, na “cabeça tinha tufos arrancados (...) onde punham os fios para dar choque.” O homem retorna de um período de sofrimento intenso, como se “não tivesse feito outra coisa senão gritar de dor”. Além do corpo, as palavras parecem ter sido perdidas “ao engolir as beberagens amargas que lhe davam”. Ele faz um esforço para realizar algo tão característico dos seres humanos, a linguagem, dimensão da existência humana enquanto ser social que está comprometida. O homem retorna estigmatizado e fragilizado ao lar. Seu comportamento mudou. Ganhou contornos de passividade. A esposa se esmera em fazê-lo sentir-se bem, temendo que ele possa voltar para “aquele lugar infeliz”. A família vive agora momentos de tensão, como a expectativa da reação do pai que recusa o prato fumegante de arroz-doce.

Se fosse antes da internação, a gente esperaria que ele jogasse tudo no chão, até a toalha bordada, feita para comemorar sua volta. Não jogou. Apenas parou de comer. Nós também paramos, o coração em alerta, o meu parecia que ia despencar dentro do peito. Vi que dali em diante qualquer gesto dele seria a anunciação de alguma coisa ruim que podia desmoronar de vez. (VIANA, 2009, p. 31-32).

Nesse trecho, uma conduta violenta é atribuída ao pai antes da internação, aumentando ainda mais o nível de expectativa dessa família que agora o desconhece. A mãe recorre ao discurso do “doutor” para justificar os cuidados. O médico a alertou sobre o perigo de uma “recaída”. Caso acontecesse, seria “definitiva e nunca mais ele sairia de lá”. Conforme Foucault (2005), o louco, objetivado cientificamente como doente mental, não será capaz do “cuidado de si”. Nesse sentido, é um sujeito engendrado pela relação de poder estabelecida com o médico psiquiatra, detentor exclusivo do poder e do saber sobre a loucura.

O que está alienado e o que se aliena no louco não é tão somente a razão. Desde a entrada no hospício, comendo um processo denominado “mortificação do eu” (GOFFMAN, 1990), a pessoa perde o domínio de sua identidade, da liberdade, do direito de transitar pelos espaços físicos e sociais, da linguagem e da possibilidade de um retorno ao pensamento organizado nos termos da razão. Apesar da alta do pai, ele está sentenciado à impossibilidade de inserção social, de experimentar situações cotidianas, emoções. Há uma mácula em sua trajetória, a própria loucura. Nesse sentido, as relações sociais serão definidas a partir desse

evento, dessa condição. Mesmo que o objetivo seja manter a razão, a loucura estará presente. “Quando meu pai voltou” evidencia o conflito do retorno daquele que não é mais o mesmo. Seu “corpo balofo (...) era um sinal de que algo nele tinha ruído para sempre”. Quando volta, o pai é “sombra espessa de um outro” que a família não consegue reconhecer. Durante o jantar, o menino constata que era o pai, “não o arroz-doce, que estava podre.”

O menino sente a apreensão e o medo demonstrados na noite em que o pai volta àquele lugar longínquo, escuro, silencioso. O que fazer onde só o rádio de pilha e o gemido dos sapos quebram o silêncio das noites? Aquela noite parecia a “mais escura do mundo”. O superlativo analítico reforça o “estranho” que retorna, mas não é mais familiar, é “sombrio”. O silêncio do pai diante dos planos da mãe de “fazer uma horta, vender verduras na feira” incomodava, mas quando “a boca começou a se mexer e ele foi falando” com os filhos, lembrando de cada um deles “foi um alívio. Ele se lembrava de tudo”. A preservação da memória aproximou o pai dos filhos, trazendo um pouco de leveza àquela noite escura e tensa.

Mas é, também, perto dos filhos que a fragilidade do pai é evidenciada e reforçada pelas recomendações da mãe.

Minha mãe tinha dito pra gente tomar cuidado. Ele estava mais frágil do que cristal, e qualquer coisinha podia fazer voltar tudo. Quando fui jogar a bolinha, ele se agachou ao meu lado, segurou minha mão e me ensinou como tecava. [...] Quando joguei, não acertei [...] Preparei os ouvidos para ser chamado de burro, mas o que vi foi ele enxugando os olhos com as costas da mão. Minha mãe parecia estar à espreita. Veio correndo e levou ele pra dentro como se leva uma criança. (VIANA, 2009, p. 34)

É possível identificar nesse trecho uma infantilização da loucura. A mãe recomenda às crianças “tomar cuidado”. O pai “estava mais frágil do que cristal” e assim, um mínimo impacto “podia fazer voltar tudo”. Está claro que os cuidados da mãe indicam uma relação de tutela para com o seu companheiro. Segundo o menino, ela “parecia estar à espreita” e, quando na brincadeira com os filhos, o pai vai às lágrimas, ela foi “correndo e levou ele pra dentro como se leva uma criança.”

Foucault (1975, p. 84) afirma que:

(...) a loucura encontra-se inserida no sistema de valores e das repressões morais. Ela está encerrada num sistema punitivo onde o louco, minorizado, encontra-se incontestavelmente aparentado com a

criança, e onde a loucura, culpabilizada, acha-se originariamente ligada ao erro.

Infantilizar é mais uma forma de subjugar a loucura que produz atuações pautadas pela correção, educação e proteção, produzindo subjetividades enquadradas, normatizadas.

4. Considerações finais

Os encontros entre loucura e Literatura ocorrem em função de contextos em que a loucura foi de alguma forma questionada. Vista como algo inerente ao humano, mas localizada no outro. Nos contos analisados neste trabalho, Antônio Carlos Viana evidencia a vulnerabilidade daqueles que estão à margem. A loucura denuncia a fragilidade material e subjetiva em que se encontram as famílias, já violentadas pela lógica de inclusão perversa empreendida pelo Estado. São famílias violentadas pela Lei.

Essa relação entre loucura e a referida fragilidade pode ser interpretada a partir do “desmoronar” presente em ambos os contos. Em *Santana Quemo-Quemo*, o barraco, destruído pelo trator, desmorona junto com a mãe, que enlouquece. Já em *Quando meu pai voltou*, o período de internação no hospital psiquiátrico esvazia o pai de tal modo que ele pode “desmoronar” a qualquer momento, segundo o narrador.

Outro aspecto da análise está relacionado com a impossibilidade de ruptura das condições impostas. Não obstante, o narrador-menino é focalizado via um discurso opressor, porque lança os personagens sob forças circunstanciais que minam qualquer resistência. A miséria é o estigma da loucura. Dessa forma, o narrador-menino não se detém apenas na complexidade de representar os personagens, mas também na construção de espaços inóspitos e, até mesmo, estéreis, mortificados. Consciente dessas circunstâncias contextuais, Viana traz para a literatura um realismo tão áspero quanto sua linguagem.

REPRESENTATION OF MADNESS IN ANTONIO CARLOS VIANA

ABSTRACT

This paper aims to analyze the representations of madness in *Quemo-Quemo* and *Quando meu pai voltou*, both present in the work *Cine Privê* of the writer Antonio Carlos Vieira from Sergipe state. As any other human phenomenon, the madness is sociohistorically built. As such, on its naming, definition and understanding, are aligned elements of the historical and social context of each period. In literature, the representations of madness are cleaved by the different social relations established with the same in distinct historical moments. In the

analyzed tales in this work, madness is a constituent of sceneries marked by social poverty and misery. The Viana's mad people exposed a conflictive social plot in which the national's perverse including logic acts both in the production of madness as in mortification processes resulting from the treatment marked by repression and violence. For that, we turn to the theoretical assumptions of Foucault (2005), with the analysis of madness as social-historical production; Maria (2005) and her contributions in relation to the historical analysis of madness in Brazilian Literature; and the theoretical assumptions of Critical Social Psychology to support this work.

Keywords: Literature; Viana; Madness; Poverty.

REFERÊNCIAS

- AMARANTE, Paulo. **Saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.
- ANDRADE, M. V.; LIMA, A. F.; SANTOS, M. E. A. A razão e a loucura na literatura: um estudo sobre o alienista, de Machado de Assis. **Psicologia & Saúde**, v. 6, n. 1, p. 37-47, 2014.
- ÁVILA, F.; FONSECA, T. M. G. A resistência de corpos que não agüentam mais: a oficina de criatividade em um contexto manicomial. **Vivência**. n. 32, p. 109-118, 2007.
- BASAGLIA, F. (Org.) **A instituição negada**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- BEZERRA, C. G.; REBOUÇAS, F. P.; DIMENSTEIN, M. Perfil do usuário participante do projeto de Alta Assistida do Hospital Psiquiátrico João Machado. In: DIMENSTEIN, M. (org): **Produção do Conhecimento, agenciamentos e implicação no fazer pesquisa em Psicologia**. Natal: Editora UFRN, 2009. p. 297-313.
- BIRMAN, J. A Cidadania Treloucada. In: **Reforma Psiquiátrica e Cidadania – 43ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência**, Rio de Janeiro, 1991.
- CARDOSO, E. Apontamentos sobre Ditadura e loucura em *Quatro-Olhos* de Renato Pompeu. **Revista Fronteira Z**, n. 13, p. 44-60, 2014.
- DESVIAT, M. **A Reforma Psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.
- FERNANDES, R. O conto brasileiro do séc. XXI. **Revista Graphos**, v. 14, n. 1, p. 173-188, 2012.
- FOUCAULT, M. **Doença Mental e Psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1975.
- _____. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- FREITAS, R. K. B. **Entre a Pobreza e a loucura: O discurso psiquiátrico, o Asilo de Alienados e as Cartas sobre a loucura**. Dissertação de Mestrado em História Social, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2012.
- GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

LIBERATO, M.; M. DIMENSTEIN, M. A experiência da dança como uma possibilidade de subjetivação no contexto da luta antimanicomial. In: DIMENSTEIN, M. (org): **Produção do Conhecimento, agenciamentos e implicação no fazer pesquisa em Psicologia**. Natal: Editora UFRN, 2009. p. 263-282.

MANDAGARÁ, P. Resenha Cine Privê. **Navegações**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 110-111, jan./jun. 2010.

MARIA, L. **Sortilégios do avesso: razão e loucura na literatura brasileira**. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

MARICONI, I. (Org.). **Os cem melhores contos do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

MARTINS, G. C. **Pequena história literária da infância pobre**. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2012.

PAULO, E. Loucura e literatura – esboço de um mapa. **Trem de Letras**, v. 1, n. 1, p. 196-211, 2012.

PELBART, P. P. **Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PRAZERES, P. S.; MIRANDA, P. S. C. Serviço Substitutivo e Hospital Psiquiátrico: Convivência e Luta. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.25, n. 2, p.198-211, 2005.

SANDER, J. A caixa de ferramentas de Michel Foucault, a reforma psiquiátrica e os desafios contemporâneos. In: **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n.2, p. 382-387, 2010.

SAWAIA, B. B. (Org.). **As artimanhas da exclusão: uma análise ético-psicossocial da desigualdade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SAWAIA, B. B. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n.3, 364-372, 2009.

SERRANO, A. I. **O que é psiquiatria alternativa**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

SILVA, G. M. Representações do corpo estranho na ficção de Antonio Carlos Viana. Dissertação de Mestrado em Letras, Universidade Federal de Sergipe (UFSE), Sergipe, 2011.

VIANA, A. C. **Cine Privê**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VILMA, A. **A tessitura humana da palavra, Herberto Sales, contista**. Salvador: SCT, FUNCEB, 2004.

ANEXOS

ANEXO A - Conto: Santana Quemo-Quemo

Quando os carros chegaram, minha mãe fazia uma galinha que meu irmão tinha arranjado naquela manhã mesmo, num quintal longe dali. O pirão ia ficar gostoso. A gente sabia que os carrões iam chegar, a notícia corria desde o começo da semana e já era sexta-feira. As mulheres se descabelavam, berrando que não tinham para onde ir. Pareciam ter enlouquecido todas de uma vez. Num minuto, era um monte de traste velho do lado de fora dos barracos: lastro de cama, uma imundice de colchonete enrodilhado, botijão de gás, e lata, muita lata, onde à noite a gente cagava e mijava pra, no outro dia bem cedo, jogar tudo no riacho.

Os homens nem quiseram conversa. Em vez da polícia, trouxeram coisa melhor: a banda de música dos bombeiros. Acho que pra dizer que eram da paz e assim também nos distrairiam da desgraça que é sair com os trens nas costas para despejar num outro canto. A banda se posicionou, um homem deu sinal, ela começou a tocar. Depois veio o trator, alucinado, abrindo caminho. O bicho roncava feito fera partindo com fome pra cima da gente. Não dava nem mais para ouvir a música, uma de Roberto Carlos, num ritmo bem animado. Nosso barraco era o primeiro da fila. Ia se esfrangalhar que nem cavaco chinês. Os ratos corriam por tudo que era canto. Foi nessa hora que vimos nossa mãe sair daquele jeito dela pela portinha de nada, os cabelos de assombração, os peitos mal-amanhados numa tira de pano que fazia as vezes de sutiã. Pendiam feito trouxa desaprumada.

Ela foi pra cima do homem, um de camisa azul de manga comprida e gravata cheia de borboletinhas. Ele, na maior calma: "Área de preservação ambiental, a ordem é derrubar tudo". E todo sério, com um papel na mão: "Aqui não pode fazer barraco. Deviam saber". E pra onde a gente ia? "Se virem, assim como vieram pra cá, agora se virem", falou o homem ajeitando a gravata, borboletinha de tudo que era cor. Enquanto isso, o trator ciscava atrás dele, só esperando a ordem, parecia um touro brabo.

E veio, bem em cima do nosso barraco. Ah, meu Deus, a panela da galinha que deu tanto trabalho a meu irmão pegar ia virar com tudo; adeus, pirão, adeus, cheiro bom, coisa tão rara um cheiro assim no meio daquela merda toda. De repente, o trator parou. Até pensamos que o motorista ia fazer como aquele da televisão, que não teve coragem de derrubar a casa que tinham mandado. Depois foi que vimos que ele parou, assim como os homens de manga comprida e gravata, pra apreciar minha mãe dançando, no começo devagarinho, depois crescendo, crescendo, como se estivesse com a Pomba gira.

Ela começou cantando baixinho: "Você conhece Santana Quemo-Quemo, Santana Quemo-Quemo, Santana Quemo-Quemo?". E repetia a mesma lenga-lenga, a voz subindo, até atingir um tom que não era dela. Não sei onde ela foi achar aquela letra mais doida que não saía do lugar. Todo mundo pensou que ela estava só ganhando tempo, fazendo graça, ela sempre foi muito engraçada, pros homens desistirem. Quem disse? O trator retomou toda sua força e veio decidido pra cima do barraco. De tão frágil, nem precisou tocar nas paredes. Só o ronco fez tudo vir abaixo.

O homem das borboletinhas nem tuge nem muge parecia que estava vendo rasgar pacote de biscoito. A banda continuava tocando, a gente nem ouvia mais a música direito, só ouvia o trator. As casinhas eram tudo igual, de papelão e pedaço de madeira velha, era só crec, crec, crec, crec, e os homens ainda conversavam entre si, distraídos, sorriam, os endemoniados. Pra completar a desgraça, tinha chovido a noite toda e a lama tinha tomado conta de tudo, e minha mãe sambando e cantando cada vez mais alto, pé no barro, capaz de escorregar, parecia tomada mesmo pelo coisa-ruim. Era uma forma de distrair a dor, pensei, porque não tinha jeito mesmo, já derrubaram e a gente que se danasse.

Mas a vida também tem suas alegrias. Quando estava tudo no chão, vimos nossa irmã, do outro lado do riacho, segurando pelas alças a panela da galinha, que a gente comeu, feliz, debaixo da amendoeira, quando os homens foram embora, já tudo derrubado. E nossa mãe não parava mais de cantar "Santana Quemo-Quemo, Santana Quemo-Quemo, Santana Quemo-Quemo", os peitos já fora da tira, a saia levantada, aparecendo tudo.

VIANA, A. C. Santana Quemo-Quemo. In: **Cine Privê**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 13-15.

ANEXO B – Conto: Quando meu pai voltou

A manhã foi toda de espera. A tia e a mãe tinham ido buscar nosso pai. Quando soubemos que o médico tinha lhe dado alta, ficamos sem canto, fazia muito tempo que ele estava internado. As duas saíram bem cedinho por causa do sol que, quando batia na cabeça, parecia que os cabelos iam pegar fogo. Minha mãe levou caju-ameixa, que fazia no maior capricho. Escolheu os mais pretinhos, pareciam ameixas de verdade, davam pra enganar qualquer um. Era o doce que mais deixava meu pai feliz.

Aquele dia foi arrastado. Por mais que brincássemos, sempre sobrava tempo. Estávamos de férias, nem tínhamos para onde ir. A escola era nosso refúgio. Nossa ansiedade nos fez comer todas as bolachas que ainda restavam, bebemos toda água que tínhamos, os potes secaram e aí foi bom. Nossa avó nos chamou para ir até o rio com as latas, era um pouco distante, onde bebia gente e bicho. Tínhamos de ferver a água para matar os germes, como aconselhava a professora.

Voltamos com a água, e o tempo parecia não se mover. Jogamos bola, subimos nas mangueiras, e nada de meu pai apontar na curva. A estrada nunca esteve tão deserta, só um ou outro cavalo com um homem em cima. Quando víamos um trio apontar longe, achávamos que eram eles. Nunca era. Almoçamos mal, nossa avó ralhou porque desperdiçar comida não era com ela, embora houvesse os porcos para comer tudo o que sobrava.

Deu uma da tarde, duas, três, quatro, e nenhuma sombra das duas e de meu pai na Curva da Rapadura, como a gente chamava a curva do morro que fazia uma barreira entre o lugar onde morávamos e o povoado da ponte. Perdemos a esperança de que chegassem ainda com a luz do sol. De tardinha, tomamos nosso banho, banho de verdade, não. Lavamos os pés, o rosto, os braços, era só isso o nosso banho. Nossa avó cozinhou inhame, pôs na mesa, comemos com um resto de manteiga derretida e ficamos do lado de fora da casa, ver se ouvíamos algum barulho de passos na escuridão. Era uma noite escura e feia. Os mosquitos não nos deixaram ficar ali por muito tempo, nosso pinicava tanto que parecia ter sido todo furado. Meu irmão mais novo caiu no sono, minha irmã, logo depois. Só sobrou o mais velho e eu.

Já tínhamos perdido toda a esperança, quando ouvimos vozes na estrada. Finalmente iam chegar. A *Voz do Brasil* tinha acabado fazendo tempo. Os três chegaram estropiados e pelo andar de meu pai, triste, pesaroso, vimos logo que tinha sido culpa dele, as duas não quiseram forçar o passo. Ele entrou na sala alumiada apenas pelo candeeiro, que mostrou um rosto macilento, inchado, logo ele, que tinha sido magro, os ossos do queixo salientes. Nunca vi

tanto silêncio. Até minha mãe, que era muito faladeira, silenciou. Ele olhou para mim, pro meu irmão, nem uma sombra de riso. Eu queria saber se ele tinha mudado de opinião sobre mim, era só o que importava. Sempre me achou muito tapado por não saber dar brilho nos sapatos que ele consertava. Dizia que, comparado a meu irmão, eu não ia ser nada na vida, que eu era menino sem jeito, não dava nem pra ser goleiro de timezinho qualquer. Era que eu apenas sentia a vida diferente, cheia de pedregulhos difíceis de erguer para abrir passagem.

Foi de minha mãe a voz que ecoou na sala: “Fale com seus filhos, homem, o pior já passou”. Meu pai continuou calado, até que puxou um fio de voz machucada, como se durante o tempo que passou internado não tivesse feito outra coisa senão gritar de dor. A cabeça tinha tufos de cabelos arrancados, que depois soubemos ser o lugar onde punham uns fios para dar choque. A voz veio de longe, como se ele procurasse as palavras que tinha perdido ao engolir as beberagens amargas que lhe davam.

Minha mãe veio da cozinha com um prato fumegante de arroz-doce. Ela se esmerou em fazer tudo que podia para ele sentir bem, para que nunca mais precisasse voltar para aquele lugar infeliz, como ela dizia. A canela em pau soltava um cheiro de fazer a gente querer mergulhar com gosto a colher no prato e comer aquela papa branquinha e doce, que só é boa quando bem quente. Meus outros dois irmãos dormiam e meu pai nem perguntou por eles. Ele baixou a cabeça e começou a comer sem muita vontade. Ficou um tempão olhando pro parto. Depois experimentou duas colheradas e parou. Se fosse antes da internação, a gente esperaria que ele jogasse tudo no chão, até a toalha bordada, feita para comemorar sua volta. Não jogou. Apenas parou de comer. Nós também paramos, o coração em alerta, o meu parecia que ia despencar dentro do peito. Vi que dali em diante qualquer gesto dele seria a anunciação de alguma coisa ruim que podia desmoronar de vez. Minha mãe perguntou se o arroz estava sem açúcar, se estava sem sal, se tinha ficado muito grosso. Ele não falar era pior que tudo. O doutro tinha dito que a gente ia precisar forçar conversa com ele nos primeiros dias, que inventássemos tudo que fosse distração, porque uma recaída seria definitiva e nunca mais ele sairia de lá. O corpo balofo de meu pai era um sinal de que algo nele tinha ruído para sempre. Tinha sido jogador de futebol na juventude, na parede da sala tinha até uma foto dele no meio do time, todo atlético, de calção branco e chuteira. Agora não passava de uma sombra espessa de um outro que não conseguíamos reconhecer.

A noite num lugar escuro, longe de tudo, é porta aberta para todas as caraminholas navegarem em nossa cabeça. Eu temia por isso. E se, de repente, ele desandasse pela escuridão, quem iria atrás dele? Eu via apreensão no olhar das três. Meu irmão mais velho. Meu irmão mais velho também demonstrava medo. Eu pensava nos dias por vir. O que iria

meu pai fazer naquele lugar, só um rádio de pilha muito ruim, e os sapos gritando no poço? Havia um que a gente pensava ser gente gemendo, mas nossa tia dizia que não, era o sapo-dor, gemia como se sofresse de um mal sem fim. Ainda bem que era só de noite. Meu pai não conseguiu engolir o arroz. Disse que não descia, se desculpou, era ele, não o arroz-doce, que estava podre. Cada um de nós raspou seu prato, minha mãe dividiu igualmente o que restou no panelão de barro e nos demos por satisfeitos. Eu não tomava café nem chá pra não mijar na cama. Era horrível quando isso acontecia, os outros faziam chacota o dia inteiro diante do lençol estendido no arame e do colchão secando ao sol. Meu pai sempre me bateu por isso. Para ele, uma boa surra resolvia tudo.

Depois do arroz fomos nos sentar na calçada. Parecia que a gente estava vivendo a noite mais escura do mundo. Nem lua, nem estrela, até vaga-lumes pareciam ter sumido de vez. Minha mãe, sempre animada, falava sozinha, não sei como não se cansava. Fazia planos. Agora que ele tinha voltado, tudo ia melhorar. Fazer uma horta, vender verduras na feira, embora meu pai fosse homem da cidade, não gostava da terra, sua vida era bater sola, como dizia. Ele continuava calado, era como se estivesse vivendo num outro tempo, num outro planeta. De repente, a boca começou a se mexer e ele foi falando. Perguntou se Alcir, meu irmão mais velho, ainda estava estudando, se continuava tirando muita nota boa. Foi um alívio. Ele se lembrava de tudo. Depois passou pra mim: “Carlinhos cresceu”. Nenhum pai sabe a felicidade do filho ao ver seu nome pronunciado por uma boca que nunca disse nada de bom sobre ele. Pelo menos ele tinha notado meu crescimento. “E está ficando bonito”. Pronto! Eu não precisava ouvir mais nada. Caí depois num sono que nem senti.

No outro dia de manhã cedo, os dois irmãos mais novos falaram com meu pai e ele disse que eles tinham crescido muito, nem pareciam os mesmos. Ficamos por perto. Ele sorria, apenas. Como não conseguíamos puxar uma palavra dele e o silêncio nos incomodava, fomos lá pra fora. Eu e Alcir começamos a cavar os buracos para jogar bola de gude. Dali a pouco ele veio andando bem devagarinho, agora ainda mais macilento à luz do sol, o pescoço muito fino, os cabelos embranquecidos. Sem que a gente pedisse, nos ajudou a fazer os buracos, usando o calcanhar para ficarem bem redondinhos, mas de uma forma tão lenta que me deu agonia. Minha mãe tinha dito pra gente tomar cuidado, ela estava mais frágil do que cristal, e qualquer coisinha podia fazer voltar tudo. Quando fui jogar a bolinha, ele se agachou ao meu lado, segurou minha mão e me ensinou como tecava. Seu bafo era amargo, devia ser dos remédios. Quando joguei, não acertei, a bolinha passou bem longe da outra. Preparei os ouvidos para ser chamado de burro, mas o que vi foi ele enxugando os olhos com as costas da mão. Minha mãe parecia estar à espreita. Veio toda correndo e levou ele pra dentro, como se

leva uma criança. Meus irmãos, parados, olhavam pra mim. Foi nessa hora que entendi aquela história do menino sem jeito.

VIANA, A. C. Quando meu pai voltou. In: **Cine Privê**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 29-34.